

Nota editorial

A *Revista Diadorim*, do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, chega a seu número 3, inteiramente dedicado aos estudos literários. Como disseram seus organizadores, na apresentação do número 1 – e é bom que mantenhamos viva essa idéia inicial – o nome de batismo da revista era (e é) extremamente oportuno, em primeiro lugar, porque, naquele momento, celebrava-se o cinquentenário do monumental *Grande sertão: veredas*; em segundo lugar, porque Guimarães Rosa foi um dos ficcionistas que mais se empenhou em “unir língua e literatura”, o que constitui a essência do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Na ocasião, apontava-se o magnetismo da fascinante *Diadorim* como causa para a afluência de ensaios vindos do Brasil e do exterior. Feita a seleção, verificou-se que havia mais ensaios de qualidade indiscutível do que suportaria a edição do primeiro volume da revista, o que permitiu que se constituísse uma preciosa reserva de originais para uma publicação futura. Este número 3 é o justo lugar de trazer a público esses textos que pacientemente aguardaram publicação. Nele se incluem, como concretização da proposta inicial, ensaios de professores e alunos de Pós-Graduação de várias instituições, do Brasil e do exterior.

Focalizando poetas e romancistas dos séculos XIX e XX, os ensaios ora publicados oferecem ao leitor a possibilidade de enriquecer seus estudos, seja no contato com a Literatura Brasileira, seja na viagem aos estudos de Literatura Portuguesa. Respeitando o caráter multifacetado do primeiro número, *Diadorim 3* permite ao leitor escolher entre os variados temas que esses ensaios focalizam.

Os estudos de literatura brasileira, no tocante ao século XIX, envolvem a leitura crítica de obras de ficção. Em *Noites da taverna*, de Álvares de Azevedo, evidencia-se, no modo como se estrutura a narrativa, uma problemática que, segundo o ensaísta, “remete claramente ao

complexo de Édipo”. Para o romance de José de Alencar propõe-se uma discussão sobre o modo como a leitura passa a ter função no enredo dos romances e como o leitor é ficcionalizado nessas narrativas, pondo em evidência uma das preocupações dos romancistas dos oitocentos. O século XX tem encontro marcado com a poesia de Manuel Bandeira, em que se enfatizam as relações entre poesia e cotidiano, buscando despertar no leitor um novo modo olhar capaz de “atribuir um novo sentido a essas experiências corriqueiras”. A esse encontro também comparecem a poesia de Murilo Mendes e as estratégias capazes de “traduzir” o sagrado para o literário nessa poesia. Se o moderno é aí posto em questão, o fim do século nos chega com a obra de Afonso Henriques Filho, a partir da qual se intenta uma aproximação entre poesia e artes visuais, visando a refletir sobre a palavra poética e empreender “um esforço crítico” que propicie a compreensão daquilo que define a poética contemporânea. Quanto à narrativa, o “jogo do real e do irreal” permite examinar como se realiza a leitura paródica da história, na ficção de Érico Veríssimo. As relações entre morte e literatura são analisadas na ficção de Clarice Lispector. Para completar o conjunto de ensaios, o exercício de intertextualidade, autotextualidade e metaficção, tendências marcantes na literatura contemporânea, são o foco a partir do qual se empreende a leitura do texto de Hilda Hilst.

A literatura Portuguesa marca sua presença neste volume com três ensaios que têm como objeto de estudo a narrativa, a que comparecem Garrett e Saramago, num estudo comparativo que, tendo como ponto de partida a temática da viagem à própria terra, procura verificar como cada um dos autores, debruçando-se sobre o seu tempo, descreve a nação portuguesa, “definindo para ela, em cada um dos textos, identidades muito particulares”. Raul Brandão, romancista de um momento limiar, de crise da narrativa e do próprio homem, apresenta-se como responsável, na virada do século XIX para o século XX, pela fundação de uma nova forma de narrar, que antecipa, em muito, a proposta do “nouveau roman” e a problemática existencial que contaminaria o romance do meado do século. O painel fecha-se, contemplando a narrativa contemporânea de Teolinda Gersão, em que se evidencia a problemática do feminino, em luta por um espaço onde possa reconstruir sua vida.

Como se vê, à imagem e semelhança do primeiro número, a pluralidade de textos e temas tratados neste volume, cumprindo o sortilégio de Diadorim, acaba por constituir-se num corpo coerente e integrado, com o intuito de promover o enriquecimento do estudo das

literaturas de língua portuguesa. A promessa de publicação torna-se realidade e prevê novas propostas para o futuro próximo, ou seja, para daqui a um semestre.

Agradecemos a paciência daqueles que confiaram na nossa promessa. Resta-nos oferecer ao leitor este novo número da *Diadorim*, reiterando os votos de bom proveito.

Luci Ruas